



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

**DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO
BIBLIOGRÁFICA
ÀS SEARCH ENGINES (II)**

Marilda Lopes Ginez de Lara

Ensaio APB, n. 91

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO
BIBLIOGRÁFICA
ÀS SEARCH ENGINES (II)**

Marilda Lopes Ginez de Lara

Ensaio APB, n. 91

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA
ÀS SEARCH ENGINES
(II)**

Marilda Lopes Ginez de Lara

Ensaio APB, n. 91

**São Paulo
Junho
2001**

DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA ÀS SEARCH ENGINES (II)

Marilda Lopes Ginez de Lara¹

4 AS LISTAS DE CABEÇALHOS DE ASSUNTO

Inicialmente construídos com o objetivo de organizar acervos, os sistemas de classificação bibliográfica não tinham como preocupação a produção de índices não-numéricos para os catálogos de assunto. Essa necessidade é formalmente enfrentada pelas Listas de cabeçalhos de assunto, tal como a Library Congress Subject Headings ou a Sears List.

A mais utilizada dessas listas, a LCSH arrola, em ordem alfabética, cabeçalhos praticamente prontos para serem utilizados como entrada de assunto, indicando a ordem de citação dos termos (para subdivisões de assunto, forma, subdivisão geográfica, subdivisão cronológica, etc.) e apresentando, algumas vezes, as correspondências entre os cabeçalhos sugeridos e os números das tabelas de classificação da Library of Congress Classification.

Produzidas desde 1989, tais listas são continuamente alimentadas a partir da ocorrência dos termos nos documentos. De início, a presença de relações entre os cabeçalhos eram restritas à sinonímia (*see - ver*) e às associações entre os termos (*see also - ver também*). As edições mais recentes apresentam relações de superordenação e subordinação entre os termos, ao modo dos tesouros (BT - Broader Term, NT - Narrower Term), indicam a sinonímia através dos símbolos UF - Used for e USE, Use, porém mantêm, em inúmeros cabeçalhos, a simbologia anteriormente utilizada.

¹ Profa. do Depto. de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes, USP.

A rigor, o uso da simbologia própria dos tesouros não caracteriza a LCSH como um verdadeiro tesouro, empreendimento difícil de ser executado sobre uma lista construída empiricamente, a medida da ocorrência dos termos na literatura e segundo distintas políticas adotadas ao longo dos anos de sua elaboração. Além disso, por princípio, as listas de cabeçalhos de assunto são pré-coordenadas, ou seja, prescrevem a combinação de termos na entrada do sistema, contrariamente ao que ocorre nos tesouros que trabalham com conceitos isolados (descritores) que podem ser combinados no momento da saída do sistema, caracterizando uma linguagem pós-coordenada.

A título de exemplo, relacionamos abaixo algumas entradas da LCSH:

Access control

USE *subdivision* Access control *under subjects, e.g.*

Computers - Access control; Psychiatric records -

Access control

Art, Chinese - To 221 B.C.

Automobiles

UF Motor-cars

Birds

RT Ornithology

Chemistry

SA *headings beginning with the word* Chemical

Construction industry (May Subd Geog)

- Finance

-- Law and legislation (May Subd Geog)

- Government policy (May Subd Geog)

- Mathematical models

Dump trucks

BT Trucks

Gums and resins

SA *specific gums and resins, e.g.* Copal, Kauri gum, Kino

History

SA subdivision History under specific subjects and under names of countries, states, cities, etc.

Massachussetts

- History

-- Colonial period, ca. 1600-1775

-- New Plymouth, 1620-1691

Motor-cars

USE Automobiles

Motor vehicles

BT Vehicles

NT Trucks

Ornithology

RT Birds

Periodicals

SA subdivision Periodicals under specific subjects, e.g.
Engineering - Periodicals; united States - History -

Periodicals

Trucks

BT Motor vehicles

NT Dump trucks

Vehicles

BT Transportation

BT Motor vehicles

(Fig. 10)

Exemplos de cabeçalhos construídos com a LCSH:

Automobiles - Motors - Carburators

Corn - Harvesting

Construction - Italy

Construction industry - Italy - Finance

Construction industry - Finance - Law and legislation - Italy

Construction industry - Italy - Mathematical models

Labor supply - France - Paris.

Massachussetts - History.

Massachussetts - History - Colonial period, ca.1600-1775 - Juvenile literature

United States - History - Periodicals

Massachussetts - History - New Plymouth, 1620-1691

Philosophy, French - 18th century

United States - History - Periodicals
Women - Employment
(Fig. 11)

Os profissionais brasileiros que utilizam a LCSH o fazem propondo traduções de cabeçalhos a medida do necessário, registrando tais entradas em catálogos de "rubricas de assunto". Efetivamente, esse procedimento não caracteriza uma operação de controle de vocabulário, em razão dos problemas derivados da tradução isolada de expressões (que são antes palavras e não exatamente termos), e em função da ausência do princípio que identifica uma verdadeira linguagem: a existência de uma rede de relações entre todos os seus termos, construída a partir de definições. Controlar o vocabulário não significa apenas padronizar as formas de entrada (significantes) ou registrar a sinonímia: significa operar sobre a significação (significante/significado) dos termos, o que depende inteiramente de delimitações de sentido conferidas pela rede de relações lógico-semânticas amparadas por definições.

5 OUTROS INSTRUMENTOS DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Entre os sistemas de classificação bibliográfica e os tesouros, inúmeros outros instrumentos foram sucessivamente desenvolvidos para o atendimento de objetivos particulares. De um modo geral, a tendência da maioria das propostas está relacionada à decomposição dos assuntos complexos em "fatores" simples, ao abandono das classificações fortemente hierarquizadas e a idéia de que é necessário não apenas relacionar os termos elementares que servem à análise dos documentos, mas principalmente as relações que os conformam (GROLIER, 1962). Muitas dessas constatações foram enunciadas não só no âmbito estritamente documentário (no seu sentido tradicional), mas quando das primeiras tentativas de tradução automática, onde ficou evidente a necessidade de buscar apoio principalmente na Lingüística e na Lógica.

Só a partir da década de 60 estas últimas passam a constituir referência

para a Documentação, seja através da identificação de semelhanças entre os problemas de interface de representação de itens documentários/perguntas de usuários e aqueles encontrados nas tentativas de tradução automática (MONTGOMERY, 1972), seja porque se percebe que os processos documentários envolvem questões sintáticas e semânticas (SPARCK JONES & KAY, 1973).

Não se pode deixar de destacar a grande contribuição de Gardin que, entre outros trabalhos, desenvolve, em 1965, com sua equipe, o SYNTOL, Syntagmatic Organization Language, modelo de linguagem aplicável teoricamente a quaisquer universos de textos, cuja ênfase está na identificação de relações de natureza paradigmática e sintagmática entre os termos. Sem sombra de dúvida, o trabalho de Gardin viria a influenciar enormemente as pesquisas subseqüentes, sendo seu trabalho ainda considerado de grande atualidade.

6 OS TESAUROS

A experiência com o uso de facetas foi fundamental para o desenvolvimento dos tesauros, linguagens documentárias onde a ênfase não se dirige mais às classes de assuntos e as disciplinas convencionais; ao contrário, os tesauros são voltados *para o objeto*, ou mais precisamente, *para os conceitos orientados ao objeto*. Ao privilegiar esse enfoque, os tesauros são desenhados em função de necessidades específicas, podendo existir tantos tesauros dentro de um mesmo domínio do saber ou área de atividade quantos forem os aspectos a serem privilegiados.

A idéia do tesouro documentário nasceu a partir do Thesaurus de Roget, tesouro de língua que trabalhava a partir de associação de idéias. Emprestando dele o nome e o princípio de organização, os tesauros são mais elaborados do que as primeiras listas de extração de termos baseadas na sua

freqüência e ocorrência na literatura (índices kwic, unitermos), como também aquelas cuja preocupação maior era apenas a padronização (listas de cabeçalhos de assunto).

Os tesouros constituem o primeiro instrumento documentário de representação que trabalha com a *noção de controle do vocabulário*. São resultado do reconhecimento de que operamos *no universo da linguagem*, o que significa dizer que *a transferência da informação está atrelada a sistemas de significação*. O controle é aqui entendido não sob a perspectiva da padronização, mas como o mecanismo através do qual busca-se estabelecer a interação dos sistemas com os seus públicos. Sob esse aspecto, pode-se afirmar que são os tesouros os instrumentos que com maior propriedade podem ser nomeados como linguagens documentárias, já que se caracterizam pela preocupação de realizar efetivamente a atividade de mediação.

A Lingüística exerce, aqui, função importante, pois é a partir da observação do funcionamento da língua que se toma consciência de que a informação não tem existência fora dos contextos de uso. A Lingüística de base saussuriana mostra que as palavras não significam isoladamente, mas relativamente umas às outras. Não basta, portanto, identificar os termos mais freqüentes num determinado domínio, enumerá-los numa lista e utilizá-los à base de equivalência. As listas permitiriam, talvez, a padronização do vocabulário, mas estão distantes da noção de arranjo que caracteriza verdadeiramente uma linguagem.

O mecanismo de relacionamento entre os termos de um tesouro procura reproduzir, a seu modo, o sistema da língua. As redes lógico-semânticas entre os descritores permitem estabelecer um sistema de significação que corresponde a uma hipótese de organização relativa a um domínio. Tais redes (que compreendem relações gênero/espécie, todo/parte, relações associativas ou seqüenciais e relações de equivalência sinonímica ou quase-sinonímica), permitem estruturar o sistema e conferir valor a cada unidade do vocabulário. O

controle, nesse sentido, não se restringe aos sinônimos; ao contrário, é muito mais amplo, pois diz respeito à significação. O controle da significação só é passível de ser estabelecido a partir de valores relacionais atribuídos às unidades de uma linguagem documentária.

Observe-se, no exemplo abaixo, a representação de termos (descritores) e suas relações.

MACROTHESAURUS, Nações Unidas

IMMIGRATION
 IMMIGRATION/ INMIGRACION 14.07.00
 TT MIGRATION
 BT INTERNATIONAL MIGRATION
 NT ILLEGAL IMMIGRATION
 RT IMMIGRANTS
 IMMIGRATION LAW
 POPULATION GROWTH

(Fig. 12)

THESAURUS POPIN

INDICADORES ECONÔMICOS/INDICADORES ECONOMICOS/ECONOMIC
 INDICATORS/ INDICATEURS ÉCONOMIQUES
 BT INDICADORES 01.09.06
 NT ÍNDICE DE PREÇOS 08.05.01
 RT ANÁLISE ECONÔMICA 08.01.00
 CONDIÇÕES ECONÔMICAS 08.02.01

(Fig. 13)

As redes de relacionamento entre os termos no tesauro são feitas a partir do reconhecimento de que a informação depende da noção de estrutura. Um termo significa à medida em que se posiciona relativamente a outros termos dentro de um universo dado. Alterado o universo focalizado, alteram-se os termos que estarão uns em relação aos outros, como a natureza das relações que os conformam.

A estrutura relacional entre termos não é fixa e varia conforme as definições tomadas como ponto de partida e os objetivos visados. Uma linguagem documentária sobre cosméticos, por exemplo, pode ser diferentemente estruturada em face às necessidades de uma *indústria* ou de

consumidoras de produtos de beleza. A base para a estruturação é encontrada na Terminologia dos domínios ou áreas de atividade, tanto do ponto de vista concreto - os glossários e dicionários técnicos -, quanto sob a perspectiva teórica - delimitação de conceitos, definições, relacionamentos.

Contemporaneamente, as linguagens documentárias tendem a se apresentar sob a forma de *tesauros terminológicos*, acoplando, no mesmo instrumento, uma rede de termos preferenciais (selecionados a partir da terminologia concreta e das referências de uso) e um glossário: além das notas de escopo, que são notas explicativas quanto às possibilidades e restrições de uso de um descritor, os tesauros terminológicos incorporam definições.

7 AS LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS NA CONTEMPORANEIDADE

A partir do exposto, pode-se perceber que a noção de classificação oriunda dos primeiros sistemas bibliográficos não foi abandonada pelos tesauros, mas recolocada a partir de sua orientação *para o objeto* ou o *conceito*. A noção de faceta, oriunda de Ranganathan, é utilizada para dar forma a uma hipótese de organização estabelecida a partir da observação do universo a ser trabalhado, bem como de seu público. A noção de categoria, por sua vez, é usada para produzir os grandes agrupamentos (ou o plano de classificação do tesouro), combinando princípios gerais de categorização (que remetem às categorias aristotélicas e kantianas) e objetivos de uso. Essa combinação é normalmente apresentada sob a forma de Temas aglutinadores, subdivisão muitas vezes emprestada dos mapas do domínio focalizado, tal como são geralmente reconhecidos pela literatura e pelos usuários.

Já as noções da Lógica e da Lingüística (conceitos, sistemas de conceitos, signo lingüístico, estrutura lingüística, sintagma/paradigma etc.), têm auxiliado a operacionalizar a construção de campos semânticos próprios à representação e transmissão de informações. Noções como definição e

estrutura, por exemplo, são referências fundamentais para a o estabelecimento das relações entre os termos, através das quais é possível construir sistemas de significação documentários e, simultaneamente, sistemas de comunicação documentária. O uso da noção de estrutura mostra que não é possível associar o significado da linguagem documentária com algo que está fora dela (TÁLAMO, 1997). Não se consegue efetivamente representar uma área de conhecimento ou de atividade apenas a partir do agrupamento de palavras típicas dessa área.

Esse conjunto de contribuições converge para mostrar que, contemporaneamente, não é possível falar em Linguagens Documentárias sem considerar as contribuições que vão desde as primeiras propostas de organização empírica de vocabulários, até aquelas da Lingüística que permitem compreender o caráter sistêmico da linguagem. É preciso ainda agregar a essas experiências as contribuições da Teoria da Comunicação para procurar referenciais necessários à compreensão de algo que ainda não tem sido convenientemente enfrentado: a recepção.

8 A RECUPERAÇÃO ATRAVÉS DE LINGUAGEM NATURAL

Fora do âmbito da Documentação propriamente dita, uma outra via de trabalho ganhou força expressiva nos últimos anos: o uso da linguagem natural - LN para a recuperação. Constituem exemplo das experiências com o processamento em linguagem natural as *search engines* de diversos tipos utilizadas na Internet: elas não pressupõem o controle anterior do vocabulário, nem tampouco a indexação semântica das informações.

Via de regra, os instrumentos de recuperação que funcionam a partir do processamento de LN são utilizados para enfrentar a crescente produção de informação relacionada a diferentes tópicos que diariamente entra na Internet, e para as quais seria economicamente impossível contar com procedimentos

prévios de indexação. Tais investimentos centram-se na observação de elementos morfológicos das línguas, no estudo das formas lingüísticas, das relações sintáticas entre as palavras, bem como dos meios pelas quais as palavras são combinadas para desenvolver estruturas de frases (estruturas morfosintáticas, ou seja, que dizem respeito às regras gramaticais de construção de frases). A lógica booleana constitui, aqui, um recurso fundamental, quer ela seja requerida para a construção das perguntas, quer esteja subjacente aos programas de busca.

Os sistemas de processamento em LN variam entre si. Os mais sofisticados são construídos para a língua inglesa e são capazes de detectar frases substantivas – identificando, por exemplo, na sentença *"Internet companies have a high market value"*, que *"Internet companies"* é uma frase nominal onde *"Internet"* é um adjetivo e *"companies"* um substantivo (site da Microsoft). Outros, ainda, permitem proceder à pesquisa em línguas diferentes. A maior parte gera listas ordenadas (*ranking*) de documentos a partir de determinados algoritmos.

A indexação que as ferramentas de busca realizam é, entretanto, substancialmente diferente da indexação semântica que procedemos através dos tesouros documentários, pois concentra-se na observação do funcionamento morfológico e gramatical das línguas. A maior ou menor sofisticação da indexação depende da existência de gêneros de dicionários que registram as ocorrências mais freqüentes de associação de formas lingüísticas em frases. Nada os aproxima dos instrumentos semânticos construídos pela Documentação.

Isso pode ser comprovado a partir da comparação dos resultados de uma busca em base de dados indexada por tesouro, e de uma busca livre (utilizando uma *search engine* do AltaVista, Excite, etc.). Verifica-se que através do uso de mecanismos de natureza sintática, recupera-se muita informação, porém grande parte dos resultados não pertinente aos objetivos da

pesquisa. Esse fato deve-se, em larga medida, à ausência de recursos semânticos de pesquisa: as *search engines* operam com *palavras*, não com termos. Apenas os termos remetem a conceitos, como nos tesauros. Se a palavra é, por natureza, polissêmica, é muito difícil garantir qualidade através do uso de ferramentas exclusivamente sintáticas.

Há, todavia, instrumentos de busca que se baseiam nos mesmos princípios dos sistemas classificatórios. Esse é o caso do Yahoo, ou das categorias do AltaVista, que disponibilizam seqüências de classes, do geral ao específico, a partir das quais pode-se delimitar melhor o campo de conhecimento no qual se localiza uma pergunta. Estas são ferramentas semânticas: trabalham a partir da significação das palavras e, até este momento, não prescindem da indexação humana. Os problemas desses mecanismos de busca estão, com certeza, relacionados à precariedade das grades classificatórias e dos critérios para a classificação dos itens de informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O balanço efetuado, embora bastante panorâmico, permite verificar que dispomos, hoje, de uma infinidade de instrumentos de busca e recuperação de diferentes qualidades. Do ponto de vista da organização semântica da informação temos condições para afirmar que o instrumental da Linguística, da Lógica e da Terminologia, já nos permite construir ferramentas de maior qualidade para o tratamento e recuperação da informação do que os tradicionais sistemas bibliográficos e listas de cabeçalhos de assunto. Do ponto de vista da sintaxe (ou das formas de combinação entre os termos), temos consciência de que os recursos utilizados para a busca em bases indexadas por tesauros restringem-se à lógica booleana e são insuficientes para recuperar o caráter linear das construções discursivas. Por outro lado, as ferramentas em

LN - a maior parte das *search engines* - são mais potentes para o trabalho no nível sintático, sendo extremamente precárias do ponto de vista semântico.

Há, na realidade, muito a investir nas duas frentes de trabalho. O importante, entretanto, é saber que o uso de uma não deve, necessariamente, excluir o de outra. Combiná-las seria, no atual estágio de desenvolvimento das linguagens de natureza sintática e de natureza semântica, tirar partido dos progressos realizados pelas duas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS/BIBLIOGRAFIA

AUSTIN, D.; DALE, P. *Diretrizes para o estabelecimento e desenvolvimento de tesouros monolíngües*. Trad. de Bianca Amaro de Melo e rev. de Lígia Maria Café de Miranda. Brasília : IBICT; SENAI, 1993

CINTRA, A. M. M. et al. Linguagens documentárias e terminologia. In: ALVES, I. M. *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. São Paulo: FFLC/CITRAT, 1996. (Cadernos de terminologia, 1).

_____ et al. *Para entender as linguagens documentárias*. São Paulo: APB/Polis, 1994.

CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL - CDU. Ed. média em língua portuguesa. Brasília: IBICT, 1987. 2 v. (Publicação FID, n.665)

DAHLBERG, I. Fundamentos teórico-conceituais da classificação. *R. Bibliotecon. Brasília*, v.6, n.1, p.9-22, 1978.

DEWEY DECIMAL CLASSIFICATION devised by Melvil Dewey. 20.ed. Ed. by J. P. Comaromi et al. Albany, N.Y.: Forest Press, 1989. 4v.

GARDIN, J.-C. et al. *L'automatisation des recherches documentaires: un modèle général "Le SYNTOL*. 2.ed. revue et augmentée. Paris: Gauthier-Villars, 1968.

GOMES, H. E. (Coord.) *Manual de elaboração de tesouros monolíngües*. Brasília: Ministério da Educação/Ministério da Ciência e Tecnologia, Programa Nacional de Bibliotecas das Instituições de Ensino Superior, 1990. 78p.

GROLIER, E. de. *Étude sur les catégories générales applicables aux classifications et codifications documentaires*. Paris: UNESCO, 1962.

ISO 2788. British Standard Guide to establishment and development of monolingual thesauri. London: BSI, 1986.

ISO 704. *Principles and methods of Terminology*. Génève: ISSO, 1987.

ISO 704. *Princípios e métodos da atividade terminológica*. Proposta de norma brasileira. 1994.

LARA, M. L. G. de. *A representação documentária: em jogo a significação*. São Paulo: ECA-USP, 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

_____. *Representação e linguagens documentárias: bases teórico-metodológicas*. São Paulo, ECA-USP, 1999. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo

LE GUERN, M. Sur les relations entre terminologie et lexique. *Meta*, v.34, n.3, p.340-343, 1989.

LIBRARY OF CONGRESS SUBJECT HEADINGS; prepared by the Cataloging Policy and Support Office, Collections Services. 18th ed. Washington, D.C.: Library of Congress, 1995.

LOPES, E. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1987.

RANGANATHAN, S. R. *Colon Classification*. 6.ed. reprinted with amendments. Bombay: Asia Publ. House, 1963.

TÁLAMO, M. F. G. M. *Linguagem documentária*. São Paulo : APB, 1997. (Ensaios APB, n.45)

_____; LARA, M. L. G.; KOBASHI, N. Y. Contribuição da Terminologia para a elaboração de tesouros. *Ciência da Informação*, v. 21, n.3, p. 197-200, 1992.

VICKERY, B. C. *La classification à facettes: guide pour la construction e l'utilisation de schémas spéciaux*. Paris: Gauthier-Villars, 1963.

VICKERY, B. C. *Classificação e indexação nas ciências*. Trad. de Maria Christina Girão Pirolla. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1980.

VIET, J. *Macrothesaurus para el procesamiento de la información relativa al desarrollo econmico y social*. 3. ed. New York: Naciones Unidas, 1985.

VIET, J. *Thesaurus POPIN: thesaurus multilingüe de população*. Trad. e adapt. de Lécia B. Costa. São Paulo: SEADE, 1986.

ENSAIOS APB

Coordenação editorial: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

- 91 - LARA, Marilda Lopes Ginez de. Dos Sistemas de Classificação Bibliográfica às Search Engines (II). Junho. 2001.
- 90 - LARA, Marilda Lopes Ginez de. Dos Sistemas de Classificação Bibliográfica às Search Engines (I). Maio. 2001.
- 89 - SILINGOVSKI, Regina Rita Liberati. A "Gestão da Qualidade" na Administração e Organização de uma Unidade de Informação. Abr. 2001.
- 88 - ROSA, Maria Nilza Barbosa. A Formação da Opinião Profissional em Biblioteconomia. Mar. 2001.
- 87 - BARRETTO, Maria Paula R. Pereira. Universo Jurídico na Área da Biblioteconomia. Fev. 2001.
- 86 - VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Metadados (Revisão de Literatura). Jan. 2001.
- 85 - CÔRTE, Adelaide Ramos e. A Biblioteconomia frente às inovações tecnológicas. Dez. 2000.
- 84 - CUNHA, Miriam Vieira da. O Profissional da Informação: Formação e Mercado de Trabalho - 3 (Revisão de Literatura - Abordagens Institucional e Educativa e Funções). Nov. 2000.
- 83 - CUNHA, Miriam Vieira da. O Profissional da Informação: Formação e Mercado de Trabalho - 2 (Revisão de Literatura - Abordagem Funcional). Out. 2000.
- 82 - CUNHA, Miriam Vieira da. O Profissional da Informação: Formação e Mercado de Trabalho - 1 (Revisão de Literatura). Set. 2000.
- 81 - SILINGOVSKI, Regina Rita Liberati. O software "Database Marketing" como instrumento na tomada de decisões na administração da informação. Ago. 2000.
- 80 - MARCHIORI, Patrícia Zeni. Navegar é preciso: como entender a estrutura de busca na Web. Jul. 2000.
- 79 - MOLOGNI, Michele. Programa INFOINDEX: a agilidade no trabalho de classificação e indexação. Jun. 2000.
- 78 - TOMAÉL, Maria Inês et al. Fontes de informação na Internet: acesso e avaliação das disponíveis nos sites das Universidades. Maio 2000.
- 77 - TOMAÉL, Maria Inês et al. Critérios para avaliar fontes de informação na Internet. Abr. 2000.
- 76 - DUTRA, Miriam Regiane. A indústria da informação no Brasil: reflexões. Mar. 2000.
- 75 - VERGUEIRO, Waldomiro. Qualidade em serviços de informação: o foco no cliente. vol. 2. Fev. 2000.
- 74 - VERGUEIRO, Waldomiro. Qualidade em serviços de informação: o foco no cliente. vol. 1. Jan. 2000.
- 73 - SOUZA, Samuel R. M. de. Como fazemos as coisas por aqui? Bibliotecários e Cultura Organizacional. Dez. 99.
- 72 - PEREIRA, Enidélei A. Zaquia et al. Agentes de Tecnologia: uma experiência de estágio na área de informação e gerência do Curso de Biblioteconomia da UEL. Nov. 99.
- 71 - VALENTIM, Marta Lígia Pomim. A atividade de investigação em Ciência da Informação. Out. 99.
- 70 - MARQUES, Eliana Maria. Biblioteca Pública no Brasil: sonho ou realidade? Set. 99.
- 69 - FIERLI, Aglaé de Lima, CATARINO, Maria Elisabete. Classificação Decimal de Dewey em CD-ROM. Ago. 99.
- 68 - FREIRE, Bernardina M. Juvenal, PEREIRA, Raquel G., LIMA, Geysa F. C. de. Biblioteca volante em canteiro de obras: relato de uma experiência. Jul. 99.
- 67 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Agorá informacional. Jun. 99.
- 66 - OLIVEIRA, Ana Lúcia Antunes de. A biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem: uma experiência. Maio. 99.
- 65 - ALMEIDA, Elisângela Lino de. Conservação e acondicionamento de discos de vinil e fitas cassetes. Abr. 99.
- 64 - FIGUEIREDO, Nice. Automação das bibliotecas universitárias: a visão dos usuários. Mar. 99.
- 63 - BLATTMANN, Ursula, DUTRA, Sigrid Karin Weiss. Atividades em bibliotecas colaborando com a educação a distância. Fev. 99.
- 62 - LIMA, Vânia Mara Alves. Comunicação e representação documentária. Jan. 99.
- 61 - GOMEZ, Margarita Victoria. Educação e informática: caminho entrelaçado com a biblioteconomia. Dez. 98.
- 60 - BROWN, Doris R. O consórcio nas bibliotecas acadêmicas dos EUA. Nov. 98.
- 59 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: estratégias para o emprego. Out. 98.
- 58 - FIGUEIREDO, Nice. A automação das bibliotecas universitárias: resultado de pesquisa. Set. 98.
- 57 - SOUZA, Marta Alves de. Fontes de informação em Ciências Exatas: uma síntese. Ago. 98.
- 56 - SIQUEIRA, Maria das Graças. Ler é conquistar autonomia. Jul. 98.
- 55 - COSTA, Márcia Betânia da. Implantação do movimento 5S's em unidades de informação. Jun. 98.
- 54 - GAUZ, Valeria. O bibliófilo José Mindlin: impressões de um encontro. Maio. 98.
- 53 - RUSSO, Mariza. Bibliotecas universitárias brasileiras: diretrizes para o próximo milênio. Abr. 98.
- 52 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 2. Mar. 98.
- 51 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 1. Fev. 98.
- 50 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca universitária brasileira: como prosseguir - notas para um projeto de pesquisa. Jan. 98.
- 49 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca pública brasileira: considerações em torno de resultados de pesquisa. Dez. 97.
- 48 - TOMAÉL, Maria Inês. Informação e globalização: reflexos de uma nova era. Nov. 97.
- 47 - RECINE, Analúcia Viviani dos Santos. Análise de partituras. Out. 97.
- 46 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: alguns comentários. Set. 97.
- 45 - TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. Linguagem documentária. Ago. 97.
- 44 - LIMA, Justino Alves. As entidades da biblioteconomia: uma tentativa de globalização e uma iniciativa de intervenção política. Jul. 97.

- 43 - BARRETO, Angela Maria. Conversas com quem gosta de informar. Jun. 97.
- 42 - FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Elaboração de tesouros monolíngues com o programa TECER: considerações sobre o uso. Maio 97.
- 41 - SANTOS, Jussara Pereira. O ensino de biblioteconomia no Mercosul: propostas de integração e harmonização curricular. Abr. 97.
- 40 - SMIT, Johanna W., MACAMBYRA, Marina M. Tratamento de multimídia. Mar. 97.
- 39 - LIMA, Justino Alves. Mobilização para uma política de conservação e manutenção de acervos contra o agente biológico humano. Fev. 97.
- 38 - SOUZA, Francisco das Chagas de. O bibliotecário brasileiro e seu humanismo. Jan. 97.
- 37 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Roubo, depredação de materiais e campanhas educativas em bibliotecas: proposta de um modelo de avaliação. Dez. 96.
- 36 - FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 2. Nov. 96.
- 35 - FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 1. Out. 96.
- 34 - MARCHIORI, Patrícia Zeni. Eram os deuses astronautas? ou São os bibliotecários, profissionais da informação? Set. 96.
- 33 - MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Abordagem qualitativa de pesquisa em biblioteconomia: uma introdução. Ago. 96.
- 32 - GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Legislação profissional do bibliotecário. Jul. 96.
- 31 - ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Sociedade de informação: espaço da palavra onde o silêncio mora? Jun. 96.
- 30 - BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio. 96.
- 29 - MODESTO, Fernando. Combate ao vírus de computador na biblioteca. Abr. 96.
- 28 - SOUZA, Marta Alves de. Internet: a rede global. Mar. 96.
- 27 - LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte II. Um modelo de programa local. Fev. 96.
- 26 - LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte I. Degradação dos materiais. Jan. 96.
- 25 - VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gestão da Qualidade e Bibliotecas Públicas: o difícil caminho para as instituições brasileiras. Dez. 95.
- 24 - SILVA, A. M. S., ALMEIDA, G. M. A. B., BELLUZZO, R. C. B. O Plano de Gestão da Qualidade e sua implantação na rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência. Nov. 95.
- 23 - SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. Out. 95.
- 22 - FARIA, Ivete Pieruccini. Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país. Set. 95.
- 21 - FUJINO, Asa. A gestão da informação no processo de cooperação universidade-empresa: uma visão crítica. Ago. 95.
- 20 - CÔRTE, Adelaide Ramos e. Memória técnica. Jul. 95.
- 19 - MODESTO, Fernando. Apontamentos sobre a ergonomia na implantação e uso do computador na biblioteca. Jun. 95.
- 18 - LIMA, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 95.
- 17 - CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Ibiporã - PR. Abr. 95.
- 16 - VALLS, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 95.
- 15 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 95.
- 14 - VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 95.
- 13 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994.
- 12 - RIVA, Eliane Barbosa et al. Terceira Idade: programa integrado. 1994.
- 11 - TOMAZELLI, Angela M. et al. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994.
- 10 - SILVA, Helen de Castro et al. Um espaço para a Fantasia. 1994.
- 09 - LARROUDE, Rita Luisa et al. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994.
- 08 - FERREIRA, Marta Nosé et al. Projeto "Soma". 1994.
- 07 - DIAS, Maria Cristina Santarém et al. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994.
- 06 - BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994.
- 05 - OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994.
- 04 - MURGIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994.
- 03 - TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infante-Juvenil. 1994.
- 02 - MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994.
- 01 - MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994.